

Jessica do Rosário Bandeira¹

Resumo: De acordo com Fava (2009), o português é o idioma materno de 99,8% da população de São Tomé e Príncipe. Apesar disso, convivem naquele território várias outras línguas, o que sugere situação de multilinguismo. Neste trabalho, mediante análise de livros didáticos e de entrevistas com os professores em exercício no país, investigou-se sobre o ensino de português no contexto referido. Pretendeu-se apurar como se dá o ensino de língua portuguesa na diversidade. Concluiu-se que, tal como aponta Pontifice (2007), o sistema de educação equipara todas as crianças que têm acesso à escola, sem levar em conta a sua situação linguística, o que pode acarretar prejuízos ao processo de aprender dos estudantes.

Palavras-chave: São Tomé e Príncipe; Diversidade Linguística; Ensino de português; Multilinguismo.

Abstract: According to Fava (2009), Portuguese is the NATIVE LANGUAGE of 99.8% of São Tomé and Príncipe's population. Despite this, several other languages coexist in that territory, which suggests a situation of multilingualism. In this work, through an analysis of textbooks and interviews with teachers in that country, we investigated the teaching of Portuguese in the context mentioned. It was intended to find out how the Portuguese language teaching occurs in a diversity environment. It was concluded, as pointed out by Pontifice (2007), that education system equates all children who have access to the school, regardless of their linguistic situation, which can lead to a loss in students' learning process.

Keywords: São Tomé and Príncipe; Linguistic Diversity; Portuguese Teaching; Multilingualism.

1. INTRODUÇÃO

Muito se debate, hoje em dia, acerca da diversidade linguística e do modo como ela se faz presente na sociedade atual. São Tomé Príncipe não fica de fora desse debate, mas falar desse assunto é também falar do respeito, da preservação dessas variedades e de como se pode ensinar/aprender/tematizá-la em sala de aula.

Assim sendo, este estudo objetivou pesquisar sobre o ensino de português no contexto multilíngue de São Tomé e Príncipe e o tratamento dispensado à diversidade linguística,

¹Jessica do Rosário Bandeira, graduanda do curso de Letras-Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (IHL-UNILAB).

mediante análise da forma como essa diversidade é tratada/tematizada nos livros didáticos de língua portuguesa em São Tomé e Príncipe.

Trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico, realizado a partir da literatura disponível, da análise de livros didáticos de português das sextas e sétimas classes, das escolas de São Tomé e Príncipe e de questionário aplicado com os professores em exercício no país.

Para um maior entendimento do leitor, organizou-se este artigo nas seguintes sessões e subseções: 1. Introdução; 2. Diversidade linguística no mundo lusófono, 2.1 Diversidade linguística em São Tomé e Príncipe, 2.2 O ensino da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe e a diversidade linguística; 3. O ensino da diversidade linguística em São Tomé e Príncipe: uma análise a partir do material didático de Língua Portuguesa, 3.1 Análise e discussão do material didático de português da 6ª e 7ª classe, 3.2 O depoimento dos professores de português; 4. Conclusão; Referências e Anexos.

2. Diversidade linguística no mundo lusófono

Entende-se a palavra diversidade como sendo a pluralidade ou existência em grande quantidade, assim sendo, toma-se diversidade linguística como sendo a existência de grande quantidade de línguas convivendo ou coexistindo em um mesmo espaço. Costa (2012) *apud* Santos et al. (201?, p. 3) mostra ainda que a variação linguística ou diversidade linguística pode ser entendida como “...o fenômeno que envolve múltiplos e concomitantes usos de formas com o mesmo significado linguístico, marcado por diferentes significados sociais, segundo o contexto em que ocorrem”. Nesse sentido, pode-se dizer que a língua portuguesa se insere neste contexto de diversidade linguística, uma vez que, de acordo com (OLIVEIRA, 2013, p.3), ela foi:

[...] a primeira das línguas em uma outra internacionalização, a das Grandes Navegações dos séculos XV a XVII e a do processo colonial a partir de então estabelecido, o português é hoje a língua oficial em 10 países, oito deles membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), mais a Guiné Equatorial, que a oficializou em 2011 ao lado do espanhol e do francês, e da China, ou mais exatamente da RAEM, Região Administrativa Especial de Macau, onde é cooficial ao mandarim até o ano de 2049. (OLIVEIRA, 2013, p.3)

Ao longo de sua história, a língua portuguesa é marcada por essa diversidade. Ela atingiu, desde a antiguidade, um status de internacional, saindo do seu território inicial,

entrando em territórios estrangeiros, por meio das navegações. Hoje, sabemos que ela ainda permanece nesses territórios, como também em outros, devido a emigração dos seus falantes que vivem fora dos seus países de origem; da sua presença nos países fronteiriços aos países falantes, e pelos mais diversos meios, o que também proporciona uma diversidade linguística na sua existência em territórios de outras presenças linguísticas.

Atualmente, as tecnologias, com certeza, permitem também a sua propagação como nos é dito por Oliveira (2013, p.4): “o português alcançou recentemente a cifra de 83 milhões de usuários, passando a ser, em 2010, a quinta língua mais usada na rede – à frente do japonês”, pois o seu uso se diversificou na medida em que é falado nas mais diferentes partes do mundo, no total de quatro continentes: África, América, Ásia e Europa, formando assim a Lusofonia.

Pode-se entender a Lusofonia, segundo Faraco (2012, p. 2), como “um termo polissêmico”, ou seja, com vários significados. Para o autor, o termo:

Ora é usado para fazer referência ao conjunto dos falantes de português mundo afora – diz-se, portanto, da população lusófona. Um uso descritivo, que recorta uma determinada quantidade e, aparentemente, não carrega maiores implicações políticas ou valorativas. Mas há usos bem marcados valorativa e politicamente. LUSOFONIA ... como o nome de uma idealizada irmandade de sentimentos e tradições... LUSOFONIA com uma vibração especial das cordas do coração, com um senso de lírica pertença a uma indefinida comunidade transnacional e intercontinental unida pelo imaginário da mesma língua e de tudo que o acompanha. ... LUSOFONIA é também o nome de diferentes projetos políticos, de diferentes planos estratégicos de geopolítica – convergentes alguns em certos momentos, mas, em geral, silenciosamente divergentes e até concorrentes. (FARACO, 2012, p. 2)

Nesta seção, o entendimento de lusofonia como conjunto de falantes do português espalhados pelo mundo, como foi dito por Faraco, é a definição que mais se encaixa, pois pretende-se mostrar que a diversidade linguística é uma realidade na lusofonia, entre os falantes lusófonos. Uma vez que a Língua Portuguesa, como relata Oliveira (2016, p.29) é “falada por um número estimado de 231 a 267 milhões de pessoas em quatro continentes, inclusive por cerca de 6 milhões nas diásporas”, o que ao certo lhe permite ser diversificada no seio de cada comunidade falante, fazendo com que não haja somente uma Língua Portuguesa, mas várias; dependendo do contexto onde a língua foi inserida, ou seja, em cada canto do mundo onde é falada a Língua Portuguesa tem formas diferentes para se referir as mesmas coisas, ou então, o contrário, formas iguais para se referir a coisas diferentes.

Para melhor entender essa diversidade linguística lusófona, o escritor angolano José Eduardo Agualusa diz que:

A lusofonia é, simultaneamente, mais, e menos, do que o conjunto dos países onde se fala português. É mais, porque inclui os imigrantes lusófonos, cujo número, em países como os Estados Unidos, a França ou a África do Sul, ultrapassa até, por exemplo, a população do arquipélago de São Tomé e Príncipe. Inclui ainda fragmentos dispersos de populações de matriz portuguesa, que, não obstante o isolamento, continuam a falar português desde o berço, como acontece em Diu. É menos, porque em alguns dos países de língua portuguesa, como em Timor ou em Moçambique, só uma reduzida percentagem da população se comunica em português. Importa ainda referir que em todos os países de língua portuguesa, incluindo em Portugal, se falam outras línguas nacionais. (AGUALUSA, 2005, p. 1)

Agualusa deixa claro que em todos os países onde a Língua Portuguesa está presente, ela convive com outras línguas nacionais. Pode-se entender que essa convivência com outras línguas a torna diversificada, incrementada com as expressões dessas outras línguas e suas particularidades. Ao longo da sua existência, ela tem sido reinventada pelos povos falantes, com influência de suas culturas e hábitos.

Ainda sobre a diversidade lusófona pode-se dizer que, além de existir essa diversidade entre os falares, expressões e sotaques dos países falantes, no seio desses países também se pode e se encontra essa diversidade. Sabe-se que, dentro da lusofonia, apenas em Portugal e Brasil a Língua Portuguesa é língua materna² da maioria da população. Em São Tomé e Príncipe, de acordo com Fava (2009, p.1) essa língua tem se tornado a crescente língua materna com 99,8% da população, em situação de bilinguismo e ou plurilinguíssimo, declarando falar Português. Nos restantes países falantes, a Língua Portuguesa possui o status de oficial³ para todos os falantes, materna para uma pequena quantidade de falantes e de língua segunda⁴ para maior parte destes.

É preciso, para uma melhor compreensão, que se faça um breve panorama da situação linguística dos países lusófonos. Começando por Angola, atendo-se ao critério de uma organização alfabética, pode-se dizer, de acordo com o professor e pesquisador Mpanzu

² Língua Materna - Segundo Cunha (2007) constitui uma L1 (língua primária), geralmente, mas nem sempre, é a língua que foi primeiramente adquirida na infância, é a língua da vida íntima do falante; é também, até certo ponto, a língua de contar e de outras formas de auto estimulação, ou de pensar em palavras.

³ Língua oficial- De acordo com Cunha (2007), é a língua reconhecida por um estado, geralmente através de carta magna, é inicialmente sobreposta a línguas locais pelo governo que a usa em documentação oficial, repartições públicas, rede escolar e mídia. Pode evoluir e se tornar a língua nacional.

⁴ Língua segunda- Conforme Cunha (2007), compõe a L2 (língua secundária), é a língua reservada para um propósito específico. De acordo com Almeida Filho a L2 é uma língua não-materna que se sobrepõe a outra(s) que não circula(m) socialmente em setores ou instituições ou que circulam com restrições.

(2016), que neste país o português é falado por 78% da população, o que corresponde a 17 milhões de falantes. Destes falantes, os que habitam nas grandes cidades, 91%, falam português e 53% nas zonas rurais. Somente 39% da população têm a Língua Portuguesa como língua materna.

O pesquisador mostra ainda que as línguas ancestrais estão em constante desaparecimento, pois estão sendo a cada dia menos transmitidas às camadas jovens, o que mostra claramente a existência de uma diversidade linguística no país, já que essas línguas coexistem, embora uma(s) se sobreponha(m) as outras, sendo as mais conhecidas/mais faladas: o Português, o Kikongo, o Kimbundu, o Tchokwe, o Ngangela, o Umbundu e o Kwanyama.

Passando para Brasil, Morrelo (2016, p.2) declara que, embora não seja levada em consideração pela sociedade brasileira, a diversidade linguística brasileira é composta por mais de 250 línguas indígenas, pelas línguas dos descendentes de imigrantes e as línguas faladas pelas comunidades afro-brasileiras, fazendo com que o país entre na lista dos países mais multilíngues do mundo. Sabe-se também que em cada estado pode-se ouvir a mesma língua com sotaques, entonações, expressões diferentes. A língua portuguesa que é falada e escrita hoje no Brasil, segundo Alves Filho (2009, p. 1) “[...] distanciou-se de tal modo do português, em consequência das mudanças que sofreu através dos tempos, que hoje já é possível falar em uma língua brasileira, que tem forma e características próprias”. Isso uma vez mais vem reforçar o que já foi dito em relação à diversidade lusófona.

Seguindo para Cabo verde, Lopes (2011, p.29), em sua tese de doutorado, diz que: “A sociedade cabo-verdiana é marcada pela presença de duas línguas em contacto”. Lopes afirma ainda que essas duas línguas se tratam da Língua Portuguesa (língua oficial) e da língua cabo-verdiana (não escrita e não oficial), porém, Rosa (2017, p. 3) afirma que a língua cabo-verdiana “hoje tem seu alfabeto, sua gramática própria e suas regras de escrita, um conjunto que viabiliza o ensino da língua materna nas escolas, mas poucos caboverdianos conhecem a escrita e a gramática dessa língua” este cenário favorece uma diversidade no Português falado ali.

Existe um grande cenário de diversidade linguística na Guiné Bissau, pois segundo Intumbo (2007, p. 1), a situação linguística deste país é marcada “[...] por um lado, uma intersecção entre situações de diglossia do crioulo guineense e as línguas africanas do país, por outro do português e o mesmo crioulo.”

Ao se falar de Moçambique, destaca-se que o país é também considerado multilíngue, pois, de acordo com Paula e Duarte (2017, p.11), a Língua Portuguesa coexiste com “uma

variedade de línguas nativas, todas pertencentes à família linguística bantu.” Ainda sobre a diversidade linguística moçambicana, Ngunga e Rego (2012) *apud* Paula e Duarte (201?) afirmam que o país é caracterizado como:

[...] um mosaico de povos, culturas, religiões, etnias e línguas, resultado da convivência de vários povos autóctones (como khoi-khoi e san), oriundos da migração de povos bantu, persas (árabo-swahilis), árabes, indianos, chineses, portugueses, ingleses, franceses, belgas, dentre outros. (PAULA e DUARTE, 201?, p. 11)

A situação linguística supracitada permite que o país entre e permaneça nesse quadro de diversidade lusófona que vem sendo tratado.

Durante muito tempo se pensou em Portugal como um país sem nenhuma diversidade linguística, mas as pesquisas recentes mostram que isso deixou de ser uma verdade, como afirma Mateus (2011, p. 2): “Portugal deixou de ser um país monolíngue”. A autora acrescenta ainda que a língua portuguesa convive hoje, principalmente nas escolas portuguesas, com as línguas dos imigrantes, oriundos de diversas partes do mundo, com o mirandês⁵ e com a língua gestual portuguesa⁶.

Segundo Pontifice (2007, p.1) e Lorenzino, (2010), a língua portuguesa em São Tomé e Príncipe passa por diversos desafios que precisa vencer no atual contexto em que a língua vive e sobrevive, contexto este de diversidade étnica, cultural e linguística. Neste país, como a língua Portuguesa, existem os crioulos, sendo eles: o Forro, o Lung’Ié, o Kaboverdiano e o Anguené.

No que diz respeito a Timor Leste, pode-se dizer, de acordo com Costa (2012) *apud* Paulino (2010, p. 76), que: “Timor é um país plurilíngue onde coexistem várias línguas locais, de origem austronésia e papua, com o português durante quatro séculos da administração colonial portuguesa e o bahasa indonésia durante vinte e quatro anos de ocupação indonésia” Este cenário linguístico confirma a diversidade linguística deste país.

Sobre Guiné Equatorial e Macau, Oliveira (2013, p.3) assegura que este primeiro entrou recentemente para CPLP⁷, ali o Português tem ao seu lado o Espanhol e o Francês; o segundo, a Língua Portuguesa é cooficial do mandarim até 2049, na RAEM⁸.

⁵ Mirandês é, segundo Martins (2006), uma “variedade asturo-leonesa com presença multissecular em território português”.

⁶ Linguagem Gestual portuguesa, pode-se entender por língua portuguesa de sinais.

⁷ CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

⁸ RAEM - Região Administrativa Especial de Macau.

2.1 Diversidade linguística em São Tomé e Príncipe

São Tomé e Príncipe constitui-se de duas ilhas situadas no golfo da Guiné, perto da linha do equador, próximo às costas do Gabão, Guiné Equatorial, Camarões e Nigéria. Segundo os resultados do quarto recenseamento geral da população do Instituto Nacional de Estatísticas, Veiga (2012), possui aproximadamente 187.356 habitantes, a sua capital, São Tomé, situa-se na ilha com o mesmo nome, no distrito de Água Grande, que, apesar de pequena, concentra grande número de população, cerca de 73.091 habitantes.

Segundo informações obtidas no site do Arquivo Histórico de São Tomé e Príncipe - AHSTP, foi por volta de 1470 e 1471 que as caravanas portuguesas lideradas pelos navegadores, também portugueses, João de Santarém e Pero Escobar chegaram às ilhas, acredita-se que até esta data estiveram desabitadas. Embora exista outras versões históricas que a contradigam. Foi, a partir de então, colonizada por Portugal até a sua independência em 12 de julho de 1975.

Assim como outros países africanos colonizados por Portugal, São Tomé e Príncipe, as “autênticas ilhas de Babel” Hagemeyer (2009, p. 1), é membro do PALOP, e também da CPLP. Possui a presença/convivência de várias línguas no mesmo território (mais de cinco línguas), o que leva os seus habitantes a serem bilíngues e/ ou plurilíngues. Mas a língua portuguesa ainda é a língua mais falada e a crescente língua materna como podemos ver em (FAVA, 2009, p.1):

A língua portuguesa, ao contrário do que se poderia pensar, é crescentemente a língua materna (ou em situação de bilinguismo/plurilinguismo) dos são-tomenses, 99,8 % dos quais declaram falar Português, parecendo ter uma clara percepção do poder de comunicação a nível mundial que o Português permite. É a única língua oficial do país, presente no ensino, nos meios de comunicação social, nos tribunais, nas repartições públicas, na assembleia dos deputados. FAVA (2009, p. 1)

Segundo a pesquisadora, a língua portuguesa, falada por quase toda a população, tem se tornado língua materna desta, diferentemente do que acontece nos demais países africanos. Nesse sentido, o português convive com outras línguas, sendo elas o santomé ou crioulo forro (falado pela maioria da população), o principense ou o lung'Ié, (falado na região autônoma do Príncipe), o kabuverdiano (falado pelos descendentes dos cabo-verdianos), o angolar ou anguené (falado por uma pequena população do sul e do norte das ilhas), e o mais recente tonga (uma variante do português falado pelos descendentes dos angolanos e moçambicanos, cujo sotaque e entonação é diferente do português dos restantes santomenses).

A pesquisadora Afonso (2009, p.8) reforça essa diversidade linguística quando afirma que “a língua portuguesa em São Tomé e Príncipe dá-se numa situação de plurilinguismo (nível nacional) e de bilinguismo (nível individual)”. A seguir o quadro de Hagemeyer (2009, p. 18) que retrata claramente a situação do português e dos crioulos no país, em que se percebe que grande parte da população, com mais de cinco anos, fala duas ou mais línguas. E o quadro de Silveira (2013, p. 6) que mostra um crescimento no número de falante do português. Esses dados, segundo os autores, foram obtidos no censo do Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe, nos anos de 1981, 1991, 2001 e 2011, dados estes que não auxiliam na percepção do nível de bilinguismo do falante.

	População > 5	Português	Santome	Lung'ie	Outras línguas
1991	- - - -	99,8%	73,5%	1,6%	13,4%
2001	137, 599	98,9%	72,4%	2,4%	12,8%

Tabela 1: Dados sobre as línguas faladas - censos de 1991 e de 2001 – da população com mais de 5 anos.

Censo	Português	Forro	Kabuverdianu	Francês	Inglês	Outra	Lung'ie	Angolar
1981	60.519	54.387	-	521	-	8.180	1.533	-
1991	94.907	69.899	-	3.896	-	12.781	1.558	-
2001	136.085	99.621	-	9.319		17.612	3.302	-
2011	170.309	62.889	14.725	11.759	8.605	4.224	1.760	1.217

Tabela 2: Número de falantes em cada censo de acordo com as línguas faladas em STP.

É possível observar nestas tabelas o crescimento populacional em São Tomé e Príncipe, bem como o crescimento do número de falantes das línguas ali existentes, embora o primeiro crescimento condicione o segundo, pois o aumento do número da população levou ao aumento do número de falante dessas línguas. É possível observar ainda que a tabela 2 especifica mais as línguas do que a tabela 1.

2.2 O ensino da língua portuguesa em São Tomé e Príncipe e a diversidade linguística

Após a independência, os países africanos adotaram a língua dos seus antigos colonizadores, em São Tomé e Príncipe não foi diferente Pontífice (2007, p.1). Sendo adotada como língua de prestígio, língua oficial, o português ganha um lugar de prestígio em relação aos outros idiomas em presença, estando em todos os meios de comunicações e mídias.

Em São Tomé e Príncipe a língua portuguesa (variedade santomense) falada por quase toda a população, precisa ser vista de forma diferente, uma vez que o ensino ainda está afinado ao padrão europeu. De acordo com Agostinho e Araújo (2010) *apud* Agostinho, Lima, Araújo (2016, p. 2): “a norma portuguesa europeia é ensinada nas escolas e dominá-la é o objetivo do sistema escolar”, o que mostra que os alunos precisam “dominar” essa norma padrão europeia para que sejam considerados aptos, ou detentores de conhecimento.

Torna-se necessário que, no tocante ao ensino se tenha em consideração a diversidade linguística do país retratada na sessão anterior, uma vez que se tem ignorado a questão do português ser ensinado em português (português europeu) num contexto de diversidade linguística e cultural. Essa realidade é posta de lado pela educação. Oliveira (2013) e Pontífice (2007) reforçam a necessidade de se criarem políticas linguísticas pontuais. O primeiro fala no contexto de internacionalização e manutenção da língua portuguesa no mundo, a segunda, por sua vez, trata do contexto santomense de multilinguismo, onde a língua portuguesa permanece em um nível mais elevado em relação a outras línguas ali existente. Essa falta ou ausência de políticas linguísticas para orientarem o ensino de português em São Tomé e Príncipe acaba por prejudicar a aprendizagem dos alunos, uma vez que estes não puderam ser contemplados com o ensino dirigido à sua realidade específica.

Pontífice (2007) afirma, ainda, que o sistema educativo coloca em pé de igualdade todas as crianças que acedem à escola, sem ter em conta a sua situação linguística. Não se leva em consideração as crianças que têm português como língua materna (oriundas das áreas urbanas) e as que o têm como língua adicional ou língua materna em simultâneo com o crioulo, podendo ser um dos quatro crioulos (as oriundas da zona rural).

A autora fala, também, sobre uma reformulação do ensino da língua portuguesa, reformulação essa que não siga o ensino tradicional do português, pois este ensino tira da criança o seu domínio linguístico e cultural, uma vez que a língua carrega a cultura consigo. Afonso (2009, p.6) afirma que o atual ensino de português “tem constituído um sério problema no processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa no país”. Desta forma, algumas crianças (uma boa parte oriunda das zonas rurais) acabam tendo o seu aprendizado comprometido por não conseguirem acompanhar os conteúdos que são ensinados. Essa situação é reforçada por Pontífice (2007) quando assegura que:

Esta questão da relação dos alunos com o português, ligada a metodologias de ensino pouco adequadas, tem sido apontada como uma das causas do insucesso escolar das crianças uma vez que elas muito dificilmente se adaptam ao meio escolar que, logo à partida, lhes aparece como um meio hostil onde têm poucas possibilidades de se exprimirem. (PONTIFICE 2007, p. 102)

É nesse sentido que analisar como a diversidade linguística do português é representada nos livros didáticos se torna importante, principalmente a representação da variedade santomense do português, pois é esperado que esses livros proporcionem conteúdos que possam auxiliar os professores e os alunos nessa sequência de ensino e aprendizagem. Na seção seguinte, explora-se esse ponto.

3. O ensino da diversidade linguística em São Tomé e Príncipe: uma análise a partir do material didático de Língua Portuguesa

O material didático é “qualquer coisa empregada por professores e alunos para facilitar a aprendizagem” Salas (2004, p. 2) apud Vilaça (2009, p.4). Por isso, procurou-se fazer uma análise de dois livros didáticos de português utilizados nas escolas primárias do segundo ciclo (6ª classe) e secundárias do primeiro ciclo (7ª classe) de São Tomé e Príncipe, ambas correspondentes às duas primeiras séries do ensino Fundamental II, no Brasil.

Os livros selecionados foram: “Manual 6.ª Classe Língua Portuguesa e Manual 7.ª Classe Língua Portuguesa”. Procurou-se também conversar com alguns professores de português para entender as suas percepções sobre o ensino de português no país, levando em consideração a questão da diversidade linguística e o ensino de português como um assunto importante. Vale ressaltar e lembrar que o material didático existe para facilitar o ensino, assim sendo importa que este reflita um ensino que vá de acordo com a realidade linguística do país, pois os conteúdos neles abordados revela a importância destes para a sociedade em que é utilizado.

Para melhor compreensão da estrutura e divisão das classes no sistema educativo santomense, segue o quadro do Centro De Estudos Africanos da Universidade do Porto - CEAUP, o qual revela a formação (estrutura) deste sistema educativo.

Ensino Básico	1º ciclo 1ª – 4ª classes 2º ciclo 5ª – 6ª Classes
---------------	--

Ensino Secundário	1º ciclo 7ª - 9ª classes 2º ciclo 10ª – 12ª classes
Ensino superior	Politécnico Universitário

Tabela 4 Estrutura do sistema de ensino atual (Lei nº2/2003) de São Tomé e Príncipe.

Essa tabela serve somente para situar o leitor no quadro que será descrito nesta sessão, para que se compreenda que as escolhas feitas (análise de material didático e entrevista com os professores) devem-se à impossibilidade de se realizar uma pesquisa *in loco*. Nesse sentido, esta análise se fez necessária, pois fornece suporte no que concerne aos conteúdos que são abordados nessas classes (séries), uma vez que estes materiais são grandes aliados do professor em sala de aula.

Nesta linha de pensamento, a análise detalhada de como o português (diversidade linguística) é representando no livro didático se faz importante, pois é preciso que se tenha em mente que “...a função mais ampla do material didático é auxiliar aprendizagem/aluno e consequentemente, auxiliar o ensino/professor” Vilaça (2009, p.4).

Assim sendo, acredita-se que o livro didático de português usado num contexto multilíngue deva ao menos contemplar essa variedade de língua (variedade do português santomense), e que o professor de português possa traçar outros caminhos para a contemplação desse assunto enquanto ministra as suas aulas.

O quadro a seguir mostra, de acordo com Oliveira (2015, p.45), a situação de formação dos professores, não só os de português, mas de todas as áreas e níveis de ensino, nas escolas da Ilha do Príncipe.

Local	Professor com formação	Professor sem formação
Ilha do Príncipe	30%	70%

Tabela 5 Perfil dos professores com e sem formação.

Os dados fornecidos pelo Ministério da Educação Cultura e Ciência apresentam, segundo (PEDROSO, 2017, p. 45), a situação de formação dos professores nas escolas básicas e secundárias da Ilha de São Tomé.

Ilha de São Tomé	Professor	com	Professor	sem	Professores	em
------------------	-----------	-----	-----------	-----	-------------	----

	formação	formação	Formação
Ensino Básico	41,2%	20,8%	—
Ensino Secundário	64,7%	9,7%	22,9%

Tabela 6 Perfil dos professores com, sem formação e em formação nas escolas de São Tomé.

Os quadros retratados mostram um défice na formação dos professores nas escolas do país, o que pode dificultar o processo de ensino e aprendizagem em território nacional.

Afonso (2009, p.48) constatou, mesmo antes destes dados serem informados, que já havia uma grande carência na formação dos professores em função, quando disse que:

[...] a prevalência de professores sem formação nas classes iniciais, as mais determinantes para o desempenho no futuro dos educandos. Relativamente às últimas classes ministradas no ensino público, embora o número apresentado seja melhor em termos de professores com formação, ele não assegura necessariamente que a formação que aqueles possuem contemple uma componente pedagógica. (AFONSO, 2008, p. 48)

A citação acima reforça que o professor nem sempre ministra conteúdos de sua área de formação, precisando assim se habilitar para dar conta dos conteúdos de outras áreas nas quais ministra. Isso reforça mais a importância dessa análise do livro didático, pois este precisa estar em condições de dar um suporte ao professor que, como foi dito, está alocado na disciplina para a qual não possui formação.

A autora afirma ainda que o sistema educativo traçou metas para o aprendizado dos alunos, sendo os objetivos globais do ensino da língua portuguesa e os materiais auxiliares ajudar o aluno a: “dominar a língua em situação de vida corrente; usar a língua como instrumento de acesso a conhecimento de varia ordem; adquirir uma consciência de cultura e civilização e reflectir habitualmente sobre a língua como objecto de estudo” (Afonso, 2009, p. 52).

Os objetivos gerais são:

Dominar oralmente e por escrito formas básicas de compreensão e de expressão; utilizar a língua como instrumento de acesso elementar da realidade; ter consciência dos elementos fundamentais da sua vivência cultural e sentir o prazer no uso da língua. (AFONSO, 2009, p. 52)

Percebe-se claramente que essas metas do ensino não fazem referência a outras línguas faladas no país, e menos ainda a variedade santomense do português, tirando todo e qualquer

mérito à língua que o aluno traz de casa, ainda que, como foi referido anteriormente, alguns alunos possuem o português como língua materna em simultâneo com o(s) crioulo(s). O fato de os materiais serem produzidos e elaborados por professores e pesquisadores portugueses, em Portugal, também podem possibilitar essa negligência, esquecimento e/ou falta de atenção com relação a questão da diversidade linguística, inclusive a diversidade do português falado ali.

3.1 Análise e discussão do material didático de português da 6ª e 7ª classe

Os materiais utilizados nesta análise, como já foi dito na sessão anterior, são das 6ª e 7ª classes. O primeiro está dividido em três partes: 1- Por terras de São Tomé Príncipe: histórias e gente da minha terra; 2- Por outras terras de África e 3- Por outras terras do resto do mundo. A parte 1 contém textos escritos por escritores santomenses e não só, textos estes que falam ou retratam a história, a cultura e a sociedade santomense. Neles, pode-se encontrar: poemas, contos tradicionais, notícias, informações, etc., seguidos de atividades de compreensão e de funcionamento da língua.

A segunda parte está composta por textos tanto de escritores africanos de língua portuguesa, quanto textos que falam da cultura, sociedade, história, culinária, e não só dos países africanos de língua portuguesa, sendo eles: notícias, contos, histórias, receitas de comida, informações, etc.) seguidos, novamente, de atividades de compreensão e funcionamento da língua. Na última parte do livro, pode-se encontrar textos das mais diversas partes do mundo, tanto de países falantes do português (Brasil, Portugal) quanto de países como o México e China. Estes textos abordam questões que vão desde a política, história, cultura, sociedade até a literatura.

O segundo livro apresenta uma divisão mais diferenciada. Primeiramente, traz a questão da “história e evolução da língua portuguesa”, que retrata um pouco a sua evolução, os crioulos, o dialeto, o universo linguístico. Em seguida, apresenta “textos dos média” contendo notícias, entrevistas e textos publicitários; “textos utilitários”, compostos por cartas (formal e informal), relatórios e atas; “textos narrativos”, compostos por fábulas, lendas e contos tradicionais africanos e, por último, “textos líricos” (poemas diversos), todos esses textos foram seguidos de ficha informativa (apresentação dos conteúdos gramaticais) e exercícios de compreensão.

Começando pelo livro da 6ª classe, embora este traga muitos textos literários entre outros, que retratam a diversidade linguística de que se vem falando, as atividades

subsequentes não sugerem discussão sobre esta diversidade. Os textos referentes à parte “Por terras de São Tomé Príncipe: histórias e gente da minha terra” pouco ou nada trazem a respeito da variedade santomense do português, a não ser algumas e pouquíssimas palavras desta.

O livro como um todo discute em um determinado momento a questão da linguagem falada e escrita e das variedades linguísticas. Em seguida, apresentam-se dois quadros presentes no livro que elucidam este assunto.

Diferenças (em relação ao receptor)	Texto oral	Texto escrito
	A comunicação é feita através da linguagem verbal falada.	A comunicação é feita através da linguagem verbal escrita.
Emissor	Está fisicamente presente	Normalmente está ausente
Receptor	A recepção é imediata	Intervalo entre emissão e recepção
Situação de comunicação	Emissor e receptor em situação semelhante	Emissor e receptor em situação diferente
Canal	Ar, telefone, rádio, TV, gravador, ...	Livro, jornal, revista, ...
Mensagem	Geralmente mais espontânea	Geralmente com linguagem mais cuidada
Código	De aprendizagem espontânea	Exige aprendizagem especial

Tabela 7, funcionamento da língua, p. 24 do livro didático da 6ª classe.

A linguagem pode variar de acordo com a profissão da pessoa que utiliza a situação ou contexto da comunicação		
Cuidada	Corrente	Familiar
Utilizadas em situações especiais cuidadas.	Também chamada norma, é utilizada em situações normais de comunicação.	Utilizada em situações em que entre o emissor e receptor existe uma relação muito próxima.
Por favor, pode indicar-me onde se situa o Pavilhão das Artes?	Onde fica o pavilhão das artes?	Olha lá, onde fica o pavilhão das artes?

Tabela 8, funcionamento da língua p. 26 do livro didático.

Como se pode observar na tabela 6, a discussão se prende muito na abordagem das características da linguagem falada e da linguagem escrita do que propriamente no que isso importa na vida cotidiana do aluno e do seu uso da língua. Abordagens como estas são sempre seguidas de exercícios em que o aluno precisa completar ou relacionar determinada frase (por sinal, solta) a determinada característica.

Sabe-se, porém, que este tipo de ensino não conquista e nem atrai a atenção do aluno, uma vez que, segundo Faraco (2006) *apud* Frank Kersch, Frank (2009, p. 50): “apresenta a gramática como um “bicho papão” que aterroriza todos nós, falantes de língua”. Acredita-se que a aprendizagem do aluno fica comprometida, pois este não estará interessado, como esperado, nas aulas de português (reflexão sobre a diversidade linguística), uma vez que não saberá entender ou explicar por meio de exemplos dos quais não estão contempladas a variedade em que está familiarizado, pois esta abordagem visa apenas, de acordo com as autoras “...se limitar a exercícios envolvendo as regras da gramática normativa”, regras estas que se espera que sejam previamente memorizadas.

É possível observar que na página 25 do livro, onde se encontra a tabela 8, que existem três imagens a serem descritas: imagem 1 - o Senhor Santos falando ao microfone para um público, imagem 2 - o Senhor Santos à mesa de jantar com a família, e, por fim, o Senhor Santos no jogo de futebol com amigos. Em seguida, pede-se ao aluno que indique em qual situação acima descrita o senhor Santos terá maior preocupação com a linguagem, justificando a sua resposta. Se o aluno tiver memorizado as regras, ele acertará a resposta, mas não conseguirá justificar mediante a sua compreensão, mencionará somente as características descritas nesta tabela.

O segundo livro não traz discussões sobre a diversidade linguística nas suas sessões de funcionamento da língua, embora tenha mais do que no primeiro livro textos literários contendo a variedade santomense do português. Uma vez que as atividades não estimulam essa discussão, é necessário que o professor de português esteja preparado para abordar essa temática, mas o fato destes possuírem um déficit na sua formação pode dificultar essa abordagem.

Pode-se observar, na página 24 do livro (cf. anexo 1, p.23), que existe uma grande oportunidade de o professor auxiliar o aluno a utilizar a sua variedade do português na resolução e compreensão da atividade, ou seja, discutir um pouco sobre os diferentes usos da

língua nos mais variados contextos e a sua funcionalidade, pois se pede que o aluno aprenda através de exemplos e redija uma carta formal e outra informal.

3.2 O depoimento dos professores de português

Catorze professores responderam aos questionários que foram elaborados para compreender como estes encaram a deficiência apontada na sessão anterior nos e dos livros didáticos. Pensou-se num questionário para captar o dizer destes professores. Para isso, foram elaboradas 5 (cinco) questões.

Estas questões auxiliaram na compreensão do entendimento dos professores sobre a diversidade linguística. Como era de se esperar, os professores entrevistados possuíam formações acadêmicas variadas, que iam de Magistério primário, Direito, Economia, Biologia a Letras-Português. A seguir, uma tabela contendo as respostas⁹ obtidas. Optou-se, por uma questão de espaço, apresentar cinco das catorze respostas; embora todas elas tenham sido analisadas.

Professores	1 O que você entende por diversidade linguística? E o que você sabe sobre a diversidade da língua portuguesa?
Professor 1	Diversidade linguística significa variação da linguagem. Devido a localização do espaço físico e a influência de outras línguas, uma mesma língua pode ser falada de formas diferentes. Embora os países membros da CPLP têm a língua portuguesa como língua oficial é não é falada da mesma forma. O sotaque Brasileiro, por exemplo, é diferente do Português.
Professor 2	Existência de várias línguas, e influência de uma sobre outra.
Professor 3	A diversidade linguística está relacionada com a convivência de diversas línguas, no seio de uma mesma sociedade, quanto a língua portuguesa, percebemos que a uma grande diversidade da mesma língua no espaço territorial, da CPLP.
Professor 4	Refere-se à abundância de coisas diferentes, à variedade e à diferença. É

⁹ Essas respostas foram transcritas de forma fiel à resposta dos informantes.

Professor 5	<p>compreendida por meio das influências históricas e regionais sobre os falares.</p> <p>Diferentes línguas utilizadas por pessoas de um mesmo território para trocar informações.</p>
Professor 1	<p>2 Na condição de professor/a de português, você trata/tematiza a questão da diversidade linguísticas em sala de aula? Se sim, de que maneira?</p> <p>Sim, sobretudo no contexto origem e evolução da língua portuguesa bem como o estatuto da mesma. Além disso é imprescindível tratar se desse assunto tendo em conta que na sala de aulas temos discentes vindos de diversas localidades/comunidades, todos falantes da língua portuguesa mas com algumas variantes e expressividades.</p> <p>Professor 2 Sim, demonstrando está a diversidade mas ensinando o português padrão.</p> <p>Professor 3 De uma forma muito superficial, pois, no nível em que lecciono por ser ainda muito baixo a temática não faz parte dos conteúdos seleccionados.</p> <p>Professor 4 Sim mostrando aos educando que existe vários idiomas no mundo e que devemos respeitar dependendo de cor raça, cultura e mais.</p> <p>Professor 5 Sim, quando os alunos trazem para as aulas palavras e frases que me ajudam a ampliar o conhecimento dos alunos e a ressaltar ainda mais a cultura santomense.</p>
Professor 2	
Professor 3	
Professor 4	
Professor 5	
Professor 1	<p>3 Sendo São Tomé e Príncipe um país multilíngue (com existência/presença de várias línguas), é relevante (importante) os livros didáticos de português abordarem a questão da diversidade linguística? Por quê?</p> <p>Professor 1 Sim. Tendo em atenção o contexto histórico do país, nomeadamente o povoamento das ilhas, é necessário que isso aconteça. Temos povos oriundos de diversos países da costa ocidental, oriental e do norte da África. Logo existe uma certa diversidade linguística no país, o que implica o seu estudo.</p> <p>Professor 2 Sim. Para que o aluno perceba essa diversidade.</p> <p>Professor 3 Sim, porque se convive com a diversidade linguística diariamente, mas só numa fase mais avançada do estudo é que introduz o</p>
Professor 2	
Professor 3	

Professor 4	conteúdo no programa escolar.
Professor 5	Sim. Ajudaria imenso no implemento do conteúdo.
	É sim importante estudar o português praticado pelos santomenses, procurar ensinar o português padrão como língua segunda. Procurar forma para ensinar e aprender as línguas para melhor ressaltar a cultura.
Professor 1	4 Que subsídios/auxílios o livro didático de português lhe fornece ou deveria fornecer para ensino da língua portuguesa em sala de aula? O livro didático de português em uso actual, é muito pobre em várias vertentes, desde géneros literários até aos conteúdos gramaticais incluindo as actividades.
Professor 2	Como material importante de reflexão sobre a língua.
Professor 3	Deve-se respeitar a língua materna de cada aluno, um dos factores de insucesso escolar de muitos alunos das comunidades mais distantes da Capital é o facto de enquanto estarem na escola serem obrigados a usar na escola a língua de uma forma, sem se ter em conta pelo mesmos a língua materna dos alunos desta comunidade, o que faz com que os mesmos tenham muitas dificuldades na coexistência de duas ou mais língua.
Professor 4	Livros escolares, literários conteúdo audiovisual.
Professor 5	O livro didático de português que serve de base para diversificação de metodologias nas aulas, o meio que, em muitas ocasiões permite os alunos terem contacto com certos conteúdos. Esse deveria estar organizado de uma forma para permitir que os alunos melhor se organizem a evolução dos seus conhecimentos.
Professor 1	5 Como professor/a de português, o que você tem feito/faria para melhorar o ensino de português no contexto multilíngue de São Tomé e Príncipe, levando em consideração que cada aluno possui diferente nível de fluência em língua portuguesa e vem de uma localidade diferente? Como professora procuro planejar sempre as aulas, não limito apenas ao manual do aluno, investigo outros materiais didáticos incluindo a internet, participo em ateliers sobre a disciplina em causa, procuro

	conhecer um pouco sobre a comunidade em que estão inseridos os meus discentes dentre outras acções.
Professor 2	Essa pergunta é complexa, porque o ensino de português como língua oficial concede o melhor futuro profissional do que outras línguas.
Professor 3	Existe um nível padrão que o professor é orientado a usar na sala de aula independentemente de tudo, mesmo numa comunidade em que os alunos, a comunidade dos pais usam um determinado crioulo, os professores são orientados a usar o nível do português padrão na sala de aula.
Professor 4	Mostrando ao meus educando que o português é nossa língua oficial, mas no nosso país existe muitos outros idiomas, línguas que chamamos de dialecto, mas que temos que aperfeiçoar no aprendizado do português.
Professor 5	Nunca banalizar considerações de cada um desses alunos, aproveitar ao máximo as diferentes situações que aparecem ou poderão aparecer durante as aulas para ajudar os alunos a conhecerem melhor a cultura santomense e serem patriotas.

As respostas evidenciam que os professores compreendem o que é a diversidade linguística, e acreditam na relevância dos livros didáticos em sala de aula. Mas, ao serem questionados sobre como tratam/tematizam essa questão e o que têm feito para melhorar o ensino de português nesse contexto multilíngue de São Tomé e Príncipe, as respostas mostram que 50% dos professores se atem ao estatuto escolar que orienta a usar somente a norma padrão europeia em sala de aula.

Foi possível perceber, na fala de alguns professores, que os alunos que vêm de diferentes partes do país trazem essa questão de diversidade para a sala de aula, o professor usa esses exemplos trazidos para auxiliá-los no entendimento do assunto. Estes professores acrescentaram ainda que respeitam cada aluno e a sua particularidade linguística, afirmaram usar o livro didático e outros materiais pesquisados em outros livros e na internet, para incrementar seu ensino, pois entendem que o livro didático nem sempre dá conta desse conteúdo.

O que se percebeu com os depoimentos dos professores em geral, e em particular dos professores 2 e 3 em resposta à questão 2 e 5, reforça o que é dito em Frank Kersch, Frank (2009, p. 50):

[...] parece-nos que o conhecimento produzido pelos pesquisadores não é incorporado ao trabalho dos professores, que acabam recorrendo às práticas de ensino de língua a que sempre estiveram habituados: memorização de nomenclaturas para a posterior classificação de termos e frases segundo a norma gramatical, o que faz com que a realidade nas escolas em quase nada seja afetada pelas reflexões desenvolvidas na academia. Como resultado, temos um ensino ainda centrado no certo e errado, com alunos insatisfeitos com as aulas de língua materna, apresentando um desempenho insuficiente nas habilidades que deveriam ser de fato desenvolvidas na aula de português: ler e compreender, bem como escrever textos. (FRANK KERSCH e FRANK, 2009, p. 50)

As discussões levantadas na academia não chegam à sala de aula, a falta de formação em área específica, como já foi mencionado neste texto, também favorece que este tipo de ensino descontextualizado aconteça, principalmente quando o professor não possui formação específica na área.

4. CONSIDERAÇÕES

Em virtude dos fatos mencionados, percebeu-se que a questão da diversidade linguística ainda é pouco abordada no meio escolar em São Tomé e Príncipe. O desenvolvimento da presente pesquisa demonstrou que o uso de livros didáticos, que não abordam ou abordam pouco esta questão, faz com que os profissionais que os utilizam sigam também negligenciando essa temática, embora a responsabilidade não seja somente do profissional, mas da falta de formação/preparação deste acerca do assunto. Esta pesquisa permitiu também trazer dados sobre o que os livros didáticos apresentam e a percepção dos professores sobre a questão.

Constatou-se que, em São Tomé e Príncipe, a escola se preocupa em tornar o aluno hábil no uso da variedade padrão do português europeu, ignorando, assim, as vivências culturais e linguísticas destes. Essa perspectiva de ensino deita por terra a ideia de aproximação das variedades do português pelo mundo; e faz perpetuar a antiga situação da língua, em que esta estava dividida em dois grandes blocos: português europeu e português brasileiro, em que os países africanos acompanhavam o primeiro bloco.

Percebeu-se que o fato de esses livros serem produzidos e elaborados no exterior, por profissionais que, embora capacitados, talvez não conheça/compreenda a fundo o contexto linguístico do país, e, por isso, não consigam contemplar essa questão nas suas abordagens.

Espera-se que as próximas pesquisas possam trazer mais contribuições acerca do assunto abordado no decorrer deste texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Beatriz. *A problemática do bilinguismo e ensino da língua portuguesa em S. Tomé e Príncipe*. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, 2008.

AFONSO, Helena Lima. *Interferências linguísticas: um contributo para o ensino da língua portuguesa em S. Tomé e Príncipe*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2009.

AGOSTINHO, A. L. S., LIMA, M. B. A., ARAUJO, G. A. *O Lung'ie na Educação Escolar de São Tomé E Príncipe*. Campinas. 2016.

AGUALUSA, J. E. (2005). "A quem (não) interessa a lusofonia?". Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, 2005. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/lusofonias/a-quem-nao-interessa-a-lusofonia/1810> Acesso em 29/03/2018.

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. *O Ensino de Português Como Língua Não-Materna: Concepções e Contextos De Ensino*. Universidade de Brasília.

ALVES FILHO, Manuel. *Reflexões sobre a história da 'língua brasileira*. Campinas, Jornal da Unicamp. 2009.

ARQUIVO HISTÓRICO DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE. *Boas Vindas*. Disponível em: <http://ahstp.org/> Acesso em 22/04/2018

CENTRO DE ESTUDO AFRICANO DA UNIVERSIDADE DO PORTO. *Educação - São Tomé e Príncipe*. Porto, 2008.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. *O Português para falantes de outras línguas: Referindo Tipos e Conceitos*. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti; ALMEIDA FILHO, Jose Carlos Paes de. *Projetos Iniciais - Em Português para Falantes de Outras Línguas*. Brasília: UnB, 2007.

FARACO, C. A. *Lusofonia: utopia ou quimera? Língua, história e política*. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. pp. 31-50. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

- FAVA, Filipa. *O Português é crescentemente a língua materna*. 2009, Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/sobre/publicacoes/jornal-de-letras/6897-o-portugues-e-crescentemente-a-lingua-materna> acesso: 04/05/2017
- HAGEMEIJER, Tjerk. *As Línguas de S. Tomé e Príncipe*. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* 1:1 (2009), 1-27 ISSN 1646-7000.
- INTUMBO, Incanha. *Situação Sociolinguística da Guiné-Bissau*. Cimbra, 200?. Disponível em: http://didinho.org/Arquivo/SIT_LING_GB_Incanha.pdf Acesso 30/03/2018
- KERSCH, Dorotea Frank. FRANK, Ingrid. *Aula de Português: percepções de alunos e professores*. In: *Calidoscópico* Vol. 7, n. 1, 2009 p. 49-61
- MARTINS, Cristina. *Mirandês: estado da arte, produtos e projectos*. Universidade de Coimbra, 2006.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. 2011. In: *Revista Lusófona de Educação*, 18, 2011.
- MORELLO, Rosângela. *Censos nacionais e perspectivas políticas para as línguas brasileiras*. Rio de Janeiro, 2016.
- MPANZU, Mona. *Lusofonia, Identidade e Diversidade Cultural*. Uige, 2016. Disponível em: <http://monampanzu.over-blog.com/2016/10/lusofonia-identidade-e-diversidade-cultural.html> acesso em: 30/03/2018
- LOPES, A. M. V. C. M. *As Línguas de Cabo Verde uma Radiografia Sociolinguística*. 2011. 586f. Tese (Doutoramento em Linguística - Sociolinguística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- LORENZINO, Gerardo. A. 1996. *Uma avaliação sociolinguística sobre São Tomé e Príncipe*. In Inês Duarte e Isabel Leiria (org.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, Vol. II. Lisboa: APL e Edições Colibri, pp. 435-449.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller de. *Política Linguística e Internacionalização: A Língua Portuguesa no Mundo Globalizado do Século XXI* in: “Um Atlântico Ampliado: o português nas políticas linguísticas do século XXI”, publicado em Moita Lopes (org.) *O Português do Século XXI. Cenários Geopolíticos e Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2013.
- _____. *O Sistema de normas e a evolução demolinguística da língua portuguesa*. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; GONÇALVES, Luís (Orgs.). *O mundo do português e o português no mundo afora: especialidades, implicações e ações*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. Cap. 1, p. 25-43.
- OLIVEIRA, Maria Vaz de. *A Evolução da Inspeção da Educação em São Tomé e Príncipe: Contributos para a Melhoria de Qualidade da Educação nas Escolas*. 2015. 82f. Dissertação

- Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração Instituto de Educação Universidade Lusófona. Lisboa.

PAULA, Ronaldo Rodrigues de; DUARTE, Fábio Bonfim; "*Diversidade linguística em Moçambique*", p. 343 -362. In: LEITE, Ilka Boaventura; SEVERO, Cristine Gorski. Kadila: culturas e ambientes - Diálogos Brasil-Angola. São Paulo: Blucher, 2016.

PAULINO, Vicente (2011). "*Cultura e Múltiplas identidades linguísticas em Timor-Leste*", in Correia, Ana Maria & Sousa, Ivo Carneiro de (org), Lusofonia encruzilhadas culturais, Macau: Saint Joseph Academic Press, pp.70-87

PEDROSO, Paulo et al. (org.). *Avaliação Externa ao Projeto Escola+*, Fase II em São Tomé e Príncipe. Lisboa, 2017. In: http://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao2/escmaisstp_relfinf2.pdf Acesso em 12/05/2018.

PONTÍFICE, Fernanda. *Ensino/aprendizagem do português em contexto plurilingue africano: os grandes desafios. O caso de São Tomé e Príncipe*. In Dolores Álvarez et al. (org.) Actas do Colóquio Internacional sobre ensino/aprendizagem do francês e do português no contexto plurilingue africano. Paris: Unione Latine, 2007, pp. 99-105.

ROSA, A. C. B. S. *Ensino Bilíngue Em Cabo Verde: Desafios e Práticas Educativas*. 2017. Redenção, UNILAB, pp. 10.

SANTOS, S.; SANTANA, J. L.; SANTANA, A. L. F. *A Variação Linguística e o Preconceito Linguístico no Âmbito Escolar*. 2017. pp. 15. Disponível em: <file:///C:/Users/quad%20core/Documents/UNILAB/Letras%20Semestre%202017/SEMESTRE%202017.2/TCC2/TCC2%20escrita/Texto%20lido/VARIAÇÃO%20LINGUÍSTICA%20E%20O%20PRECONCEITO%20LINGUÍSTICO%20NO.pdf> Acesso 29/03/2018

VEIGA, Abel. *São Tomé e Príncipe tem 187.356 habitantes*. 2012. Disponível em: <https://www.telanon.info/sociedade/2012/06/29/10732/sao-tome-e-principe-tem-187-356-habitantes/> Acesso 01/03/2018.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. *O Material Didático no Ensino de Língua Estrangeira: Definições, Modalidades e Papéis*. In: Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Volume VIII nº XXX, Jul-Set 2009.

ANEXO

Anexo 1 "Fotografia do conteúdo da página 24 do livro didático da 7ª classe".

Carta Formal/Informal- Exercícios

São Tomé, 18 de Janeiro de 2011,
Caro amigo,
Antes de mais espero que estas curtas linhas cheguem às tuas mãos e te encontrem de boa saúde e óptima disposição.

Envio-te essa carta para te informar do meu casamento que será no dia 12 de Março deste ano e solicitar a tua disponibilidade para seres meu padrinho.

Espero que aceites o meu convite em nome da nossa boa amizade. Um abraço com muitas saudades, da tua grande amiga. Beijos.

Maria Quarenta

Excelentíssimo Senhor Director
Do Ensino Técnico e Superior

Excelência,
Eu, António Cardoso, filho de Fernando Cardoso e de Maria Cardoso, natural de Santana, Distrito de Cantagalo, São Tomé, tendo tomado conhecimento da existência de uma vaga de motorista na instituição que vossa Excelência dirige e tendo necessidade de ocupar a mesma, venho humildemente solicitar a atenção de Vossa Excelência para os factos que passo a expor. Encontro-me desempregado há seis meses e, como sou chefe de família, não tenho conseguido suportar as necessidades quotidianas da mesma, por isso rogo-lhe que entenda a minha situação para que a possa regularizar.

Os meus respeitosos cumprimentos,

São Tomé, 18 de Janeiro de 2011

António Cardoso